

# Integração, arma contra a repetência

*Escolas do Sesi apelam para a maior participação dos pais no dia-a-dia dos alunos para obter melhores desempenhos*

Humberto Rezende  
Especial para o **Correio**

“Mais leve.” Foi assim que Natalício Pereira, 12 anos, se sentiu quando foi aprovado para a 6ª série no final do ano passado. Hoje, de férias, pode soltar pipa e jogar futebol à vontade. Diversão que o pai, Osmário, 42, ameaçava proibir caso as notas baixas que tirou no começo do ano continuassem e o levassem à reprovação. Como Natalício, Morisson Cavalcante, 12, pode ver televisão à vontade, Soraia Sombra, 11, jogar queimada com as amigas da rua e Sidney Leones, 12, divertir-se com seu vídeo game. São suas recompensas por terem dado a volta por cima, melhorando suas notas.

Os quatro estudantes simbolizam um feito alcançado por pais, direção, professores e alunos da escola do Serviço Social da Indústria (Sesi) de Taguatinga. Dos quase dois mil alunos de ensino fundamental matriculados no colégio, apenas 20 foram reprovados. Um índice de aproximadamente 99% de aprovação. Para se ter uma idéia da dimensão do feito, o Ministério da Educação (MEC) considera bom o rendimento de uma escola que tenha 85% dos seus alunos aprovados no final do ano.

Mudar a mentalidade de todos em relação à reprovação. Foi com essa proposta que Sônia Xavier assumiu a direção da escola em 1993, época em que o índice de repetência era de 26%. “Era comum ouvir os professores dizendo que era responsabilidade dos pais se o aluno estava desinteressado e tirando notas baixas”, lembra Sônia, que deixou a direção da escola este ano para assumir a Coordenação de Projetos Estratégicos das três escolas do Sesi no Distrito Federal — há ainda uma no Gama e outra na Ceilândia.

## TELEGRAMA

Assim, uma série de medidas foram tomadas para que o índice de aprovação fosse aumentado gradativamente ano a ano, até que se atingiu o índice do ano passado. Primeiro, os pais de alunos com dificuldades de aprendizado foram procurados. “Se não era possível por telefone, mandávamos um telegrama. Se não respondessem ao telegrama, um assistente social ia até a casa da família”, conta Sônia. A mensagem dada aos pais era simples: ‘Por favor, comparecer à escola de seu filho. Assunto de seu interesse’. “Hoje a realidade é outra. Pai e mãe trabalham e a escola tem que assumir a responsabilidade de aprovar seus alunos”, acredita Sônia. Quando compareciam à escola, os pais eram informados das notas baixas de seus filhos e sobre as aulas de reforço que estavam sendo oferecidas na escola. Se concordavam com a medida, assinavam então um termo de compromisso responsabilizando-se em enviar o filho à escola para o reforço, ao mesmo tempo que a escola se comprometia a mantê-los informados sobre sua presença ou não.

Quando soube da medida, Cláudia Cavalcante, 31, mãe de Morisson, que estava na 5ª série e com notas baixas em matemática e português, não pensou duas vezes. “Quando vi seu rendimento fiquei

desesperada. A gente sabe o que representa na vida deles perder um ano de escola”, diz Cláudia, que, em 1997, havia pago professor particular para o filho.

Entre os alunos, a idéia não parecia tão boa assim. Ter que ir à escola também pela manhã, além das aulas à tarde? “Não foi uma boa notícia”, diz Soraia, que enfrentava problemas em matemática e geografia. Mas hoje, de férias e prontos para começar uma nova série, todos acham que valeu a pena. “No fim foi bom”, concorda Sidney.

As aulas começaram no terceiro bimestre, mas tinham conteúdo retroativo, ou seja, não se limitavam a apresentar apenas a matéria que os estudantes estavam aprendendo naquele momento. “Era uma grande revisão também, trabalhando os pontos em que os alunos eram mais fracos”, explica Márcia Paiva, coordenadora de 5ª série e responsável pelas aulas de reforço. Os professores, que davam hora extra, no início, eram pagos pela Associação de Pais e Mestres (APM) e mais tarde pelo próprio Sesi.

## CONSELHOS

Apesar de terem sido fundamentais para o sucesso alcançado pelos alunos no final do ano, essas aulas não foram a única medida tomada pela direção. O projeto previa uma maior integração entre pais e escola e a conscientização dos alunos em respeitar a escola e valorizar os estudos. Para isso, em cada série foi criada uma coordenadoria, responsável por organizar conselhos de classe reunindo pais, alunos, professores e representantes da direção.

“Poder trocar informações com outros pais e conversar com os professores de meu filho me deixa bem mais segura”, diz Cláudia. Para o professor de Ciências de 5ª, 7ª e 8ª séries, Carlos Lima, a cooperação dos pais na educação é fundamental. “Sem o apoio deles, dificilmente há resultados”, observa.

Mudar o astral da escola e torná-la um lugar agradável aos alunos foi outra preocupação. O projeto *A Força da Palavra na Educação* motivava os alunos, por meio de aulas de música e teatro, a refletirem sobre a escola e suas próprias vidas.

Adolescentes que já usaram drogas e pichavam os muros de escolas e hoje ganham a vida fazendo grafites visitaram a escola e falaram aos alunos, mostrando como mudaram sua vida pela arte. Os alunos aprenderam a fazer grafites e produziram painéis que foram expostos em várias feiras do Sesi. O resultado foi o fim das pichações nas paredes da escola. Hoje cada bloco do colégio tem um nome escolhido pelos estudantes — Amor, Felicidade, Verdade.

As escolas do Sesi atendem a um público específico: os filhos dos industriários do Distrito Federal, que estudam gratuitamente. Funcionam graças a um convênio da instituição com a Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDE), que cede os professores e grande parte da merenda. Cabe ao Sesi prover a infraestrutura, complementar a merenda e dar apoio administrativo. Muitas vezes, recursos são conseguidos com verbas da APM, como as aulas de reforço ou os dois laboratórios de informática montados ano passado.

Adauto Cruz



*Natalício, Soraia, Morisson e Sidney: depois de aprender a gostar da escola e de estudar; curtem as merecidas férias com a sensação do dever cumprido*